



FOTOGRAFIA GEBRIEL

*"Assim como minha bisavó Chica da Lagoa Seca, estou lutando pelo meu pedaço de terra. Ela morreu lutando pela terra, pelo direito de ficar na terra."*

Maria de Jesus Sobrinho

# A luta de todos os nativos

**R**aimunda Marques bem que já tentou mudar de vida. E de espaço. Tentou morar em Fortaleza, bem distante da sua Almofala natal. Foram sete anos longe dos pais, amigos, companheiros e parentes. Não deu certo. O coração apertou muito forte e ela voltou. Voltou com a determinação - que é da raça - de que a luta pelo espaço é fundamental quando se quer ser feliz. Ao lado dela, e partilhando o mesmo sentimento, Maria de Jesus Sobrinho, a Dijé, nunca duvidou de que o seu chão era mais importante do que qualquer outra coisa. E o tempo que passou na capital só confirmou o que a alma sempre mostrou.

De volta para casa, Raimundinha e Dijé começaram a trabalhar em busca de uma melhora para a comunidade. Com a venda de seus brincos e colares, feitos de elementos da natureza e das redes para camarão, conseguem levar para casa uma parte que cobre as necessidades básicas de cada familiar. Partiram, também, para dois ramos diferentes e ao mesmo interligados. Um, o da educação; o outro, o da dança e a tradição da dança local, o torém. Para todos da comunidade, a professora ensina, além do beabá, a amor à vida e à

natureza. Tanto para crianças como para adultos.

Dança de roda, típica da praia - o primeiro registro da dança dos Tremembé remonta ao final do século passado e foi feito por Padre Antônio Tomás que estava em visita a Almofala - que anima velhos, crianças e adultos de todas as idades, o torém andou por muito tempo esquecido na memória dos mais velhos. Coube a elas duas dar um impulso para que essa nova geração e fazer com ela a celebração da vida na época do caju, bebendo o mocororó, o vinho da fruta.

Mas, mais do que qualquer traço cultural, Dijé e Raimundinha estão unidas na preservação da terra tão ameaçada de cair em mãos que nada têm a ver com toda aquela cultura. A terra, que já foi de perder de vista, precisa ser demarcada e os 4.900 hectares, respeitados. E todos os índios que

sempre a amaram possam voltar a ter o roçadinho de mandioca, milho e feijão novamente viçoso e alimentando seu povo da melhor maneira possível. Com sangue nas veias da bisavó Chica da Lagoa, uma valente de-fensora de suas sagradas divisas, Dijé sonha em ver sua comunidade melhorar de vida. Mas melhorar, mesmo.



*"Já saí das nossas terras e descobri que aqui é o meu lugar e o lugar certo para meus filhos crescerem felizes."*

Raimunda Marques

*"Meu sonho é que a vida melhore para melhor mesmo. E que a terra volte a ser nossa para que a gente volte a plantar e possa ser livre novamente."*

Maria de Jesus Sobrinho